N.º 13—28 de Abril de 1915

A IDEIA NACIONAL

Director — HOMEM CHRISTO FILHO

N.º 13 28 de Abril de 1915 ANNO 1.º

A IDEIA NACIONAL

REVISTA POLITICA BI-SEMANAL

Director — HOMEM CHRISTO FILHO

SUMMARIO

REVISTA POLITICA — *Vamos a isto! — A victoria dos conservadores em França* — Homem Christo Filho.

O MEU DIARIO — João do Amaral.

BANDITISMO POLITICO — Homem Christo.

FACTOS E CRITICAS:

I — Vida religiosa. II — D. Thomaz de Mello Breyner. III — Centro Catholico Portuguez. IV — Remedios da Fonseca V — O inquerito d'"O Nacional„. VI — "O Commercio de Guimarães„.

EDITOR-ADMINISTRADOR: Antonio Rocha. Propriedade de Homem Christo Filho. Redacção, administração e officinas de comp. e imp. Rua de Arnellas — AVEIRO. Escriptorio em Lisboa — R. da Emenda, 30.

Escrevem n'A IDEIA NACIONAL:

Ramalho Ortigão
Conselheiro Ayres de Ornellas
Homem Christo (CARTAS DE LONGE)
Conselheiro Luiz de Magalhães
Lord Henry (PHILOSOPHIA POLITICA)
Conselheiro José de Azevedo Castello Branco
João do Amaral (O MEU DIARIO)
Conde de Sabugosa
Lourenço Cayolla (QUESTÕES COLONIAES)
Antonio Emilio d'Almeida Azevedo
Rocha Martins
Conselheiro Anselmo Vieira (QUESTÕES FINANCEIRAS)
Alberto Pinheiro Torres (QUESTÕES RELIGIOSAS)
G. Jean Aubry (QUESTÕES ESTRANGEIRAS)
Victor Falcão (NOTAS POLITICAS)
Etc., etc.

Toda a correspondencia relativa a esta Revista deve ser dirigida ao DIRECTOR.
Cada exemp. d'A IDEIA NACIONAL custa 50 reis.

REVISTA POLITICA

Vamos a isto!

Depois do demagogo Almeida, o snr. Dr. João de Freitas. Um grande serviço estes homens estão prestando á causa monarchica! As declarações do chefe evolucionista no congresso do Polytheama tinham tirado as ultimas illusões aos ingenuos que a hypocrisia d'aquelle politico ainda até agora trouxera esperançados n'uma solução da crise nacional a dentro da Republica. O artigo do snr. Dr. João de Freitas ha dias publicado no *Intransigente* veio completar magistralmente essa obra. O snr. Dr. João de Freitas acabava de se desligar do partido evolucionista. Poder-se-hia attribuir esse facto a uma profunda discordancia d'aquelle senador com a attitude do demagogo Almeida.

Ora o artigo d'*O Intransigente* em que o snr. Dr. João de Freitas ataca violentamente os monarchicos e injuría grosseiramente El-Rei, vem desfazer esse equivoco e confirmar eloquentemente o que sempre temos sustentado, isto é, a incompatibilidade absoluta que existe entre os conservadores portuguezes e *todos* os republicanos.

Leiam:

«Outro perigo, e esse talvez mais grave, surge arrogantemente agora, e que constitue uma ameaça de imminente collisão com a barca governativa do snr. Pimenta de Castro. E' o escolho de uma

possivel conspiração monarchica que, varias vezes transposto nas *intentonas* de outubro de 1911, julho de 1912 e outubro de 1913 e 1914, bem pode, agora que os monarchicos se organisam activamente e falam já com o entono de quem se sente a caminho d'uma victoria certa, aproveitar-se de alguma errada manobra do timoneiro e, n'um fluxo ou refluxo mais violento do mar, desconjuntar-lhe e metter-lhe no fundo o baixel em que navega, com esta Republica que é preciso safar, egualmente, do escolho demagogico e dos cachopos monarchicos.

A monarchia morreu, e não pode nem deve consentir-se que volte jámais a Portugal. Morreu para o pretendente D. Miguel, cujo nome e cuja tradição paterna relembram um passado abominavel, de forcas, atrocidades e cruezas fanaticas sem conta; e morreu para D. Manuel, que, herdeiro por seus avós paternos de uma tradição liberal e anti-clerical, se revelou, por hereditariedade materna e pelas influencias femininas que actuaram na sua educação, alem d'um espirito mediocre, um beato medroso e ridiculo, como no-lo mostram não só os seus actos de reinante, mas ainda as suas cartas e apontamentos, colligidos nos *Documentos Politicos* e no livro sobre as congregações monasticas, ha tempo publicados.»

Na carta dirigida ao seu «querido Wenceslau» — o snr. Wenceslau de Lima, decerto, — em 15 de setembro de 1910, isto é, 20 dias antes da Revolução de outubro, e photographada a paginas 121 dos *Documentos Politicos*, o ex-rei, com uma ingenuidade infantil de beato, em cujo quarto de dormir, nas Necessidades, se podia ver um rosario trivial de contas baratas, depois de ter escripto um periodo sem grammatica, e de se mostrar possuido d'um receio supersticioso, ao invocar a benção da Padroeira do Reino, — lamenta-se em varias passagens de que o governo do snr. Teixeira de Sousa *estava tomando por um caminho liberal demais, até mesmo radical, sobretudo com respeito á questão religiosa!*

E todavia, o liberalismo do snr. Teixeira de Sousa limitou-se a uma amnistia aos delictos de imprensa; e quanto á questão religiosa, apenas á expulsão dos frades hespanhoes da Aldeia da Ponte, tentando ainda, mas não ousando, expulsar os outros jesuitas, e sómente porque uns e outros o hostilisaram duramente, nas eleições de 28 de agosto.

Não póde restar sombra de duvida. Os factos e documentos conhecidos são bem elucidativos. O snr. D. Manuel, além d'um espirito tacanho e dominado por uma camarilha de nullos, é um instrumento servil da reacção clerical ou ultramontana, d'essa demagogia negra tanto ou mais odiosa do que a vermelha, e que em Portugal tinha por principaes agentes o nuncio Tonti, o padre Gonzaga Cabral, o bispo de Beja e o snr. Conde de Samodães, e por arautos no parla-

mento e na imprensa o snr. Pinheiro Torres e os padres Mattos e Benevenuto.

Se a monarchia pudesse voltar a Portugal, teriamos de novo, a breve trecho, os clamores rancorosos e as manobras reptilianas d'esses sacripantas ou energumenos. Alguns d'elles, os snrs. Samodães e Pinheiro Torres, já se apresentam ás claras, a terçar armas pela restauração monarchica, que esperam lhes dê a antiga liberdade de acção. Contra esse perigo, todos os liberaes devem precaver-se e, no momento em que a Republica fôr ameaçada de novo assalto, repelli-lo com a mais violenta energia.

Para isso, eu, que pouco valho, mas que sou intransigentemente adverso á demagogia negra, como sou á vermelha, e que reputo aquella indissoluvelmente ligada ao snr. D. Manuel de Bragança, estarei sempre firmemente disposto a combate-la e, portanto, a pugnar contra a restauração monarchica, com a mesma energia intemerata e a mesma tenacidade patriotica com que combateria, de armas na mão, uma invasão extrangeira. Ser escravo do jesuita ou subdito d'um soberano extrangeiro é para mim quasi o mesmo e desperta no meu animo o mesmo fremito de revolta.

Por isso, ao terminar este artigo, eu direi ao snr. Pimenta de Castro que procure evitar, com egual receio, os dois escolhos da demagogia: o vermelho do snr. Affonso Costa e o negro, do snr. D. Manuel. E, para fugir a este, convem tomar tento e não perder de vista o que se está passando nos arraiaes monarchicos.

O indulto recente, que abriu as portas do paiz aos officiaes e chefes das incursões monarchicas, foi um acto de clemencia e generosidade, é certo; mas não terá sido prematuro?

Receio-o bem. Oxalá que o futuro dissipe as minhas apprehensões.

. . . .

«Muito mais tem ainda a fazer o snr. Pimenta de Castro, para levar a bom caminho a missão de que está investido, de reduzir ás devidas proporções, sem a esbulhar da sua força legitima, a demagogia portugueza, que, como representante d'uma certa corrente de opinião, boa ou má, não póde ser exterminada, mas que é preciso converter n'uma força quasi innofensiva, que não possa dominar nem opprimir a Republica, como até agora tem feito,—sob pena de a estrangular ou asfixiar.

A *força legitima* da demagogia! Ainda ha n'este paiz quem acredite n'uma solução republicana?

Não, não podemos hesitar. O nosso caminho é só um: guerra sem treguas a *todos* os republicanos.

Luctemos dentro da ordem e da legalidade como nos cumpre, visto que estamos em frente d'um governo que se propõe respeitar todos os ideaes e todas as crenças, mas luctando sem descanço.

A situação da republica, não ha que negal-o, é cada dia mais embaraçosa e mais difficil. O seu descredito no paiz é completo, tanto sob o ponto de vista moral como sob o ponto de vista intellectual, e os fundadores do regimen abjecto que já conta na sua curta historia escandalos como os de Ambaca, S. Thomé, Binubas, Opio, Rhodam e tantos outros, sem fallar nos atropellos ás liberdades publicas, as vergonhosas torturas exercidas sobre os presos todas as provas de incompetencia politica a que temos assistido, os fundadores do regimen abjecto sentem-se sós, completamente divorciados do paiz que os execra e repelle indignado, qualquer contacto, toda e qualquer tentativa de approximação.

As fileiras monarchicas engrossam todos os dias, recebem novos contingentes formados muitos d'elles por homens que haviam acreditado sinceramente, embora mostrando uma grande ingenuidade, na viabilidade d'um regimen cujos chefes, durante o periodo da propaganda, tinham já dado provas da sua pavorosa immoralidade e da sua pasmosa incompetencia, que tinham sempre e exclusivamente procurado demolir as bases fundamentaes da sociedade portugueza, rasgar as paginas gloriosas do Passado, abolir as tradições politicas e religiosas que eram o esteio da nacionalidade, fomentar a indisciplina e a anarchia em todo o paiz, não recuando até perante o assassinato com o fim unico de satisfazerem as suas ambições doentias de megalomanos extraviados na politica.

O paiz não quer a Republica, que o tyranizou, que o arruinou, que o desacreditou e o deshonrou. O paiz não quer ser o escravo d'um penitenciario como o poltrão Affonso Costa, criminoso de direito commum, aventureiro profissional, capitão de ladrões arvorado em presidente do conselho, recusa-se a acceitar a tutella infamante do enfatuado villão do Calhariz e não reconhece auctoridade nem competen-

cia ao sr. Antonio José d'Almeida para governar porque elle tem sido desde o primeiro dia, o cumplice tacito de todas as violencias e infamias commettidas pelo regimen que defende.

O paiz está farto de ser explorado por um bando de salteadores que teem por chefes gatunos de marca como o ex-governador civil de Lisboa Daniel Rodrigues e o snr. Eusebio da Fonseca, alcoolicos inveterados como o snr. Alexandre Braga, analphabetos como os snrs. Rodrigo Rodrigues e Souza Junior e por essas provincias fóra toda a escoria da sociedade portugueza, o enxurro que apparece á tona d'agua depois de todas as revoluções que, como a de 5 de outubro, não correspondem á vontade nacional nem a um forte movimento de opinião, mas são apenas um fructo d'uma campanha de calumnias, forjadas nos antros revolucionarios, pelos ambiciosos descontentes que um regimen cioso da sua dignidade e dos interesses sagrados da Nação repelliu com asco das ante-camaras do Poder.

Não podemos nem devemos limitar-nos a tiradas de rethorica. E' preciso, é urgente que os monarchicos se organizem quanto antes em Lisboa, no Porto, em todas as provincias do norte ao sul do Paiz e que opponham ás violencias da minoria insolente de maltrapilhos que, ha quatro annos, perturbam a vida da nação, a força irresistivel da vontade nacional.

Vamos a isto e depressa se queremos salvar a Patria da perda da sua independencia e salvar d'um opprobio eterno o nome glorioso de Portugal. Não é preciso fazer revoluções, não é preciso fabricar bombas nem comprar armas, tudo isso são luxos superfluos e inuteis quando uma Causa tem a seu favor um paiz inteiro contra alguns milhares de quadrilheiros, armados até aos dentes, é certo, capazes de todos os crimes, de todas as traições, mas que se desarmam, se fôr preciso, e se correm depois á bofetada e a pontapé até á borda do mar ou á fronteira da Hespanha.

Basta que todos nós, conscientes da justiça que nos assiste, certos de que esse é o unico meio de morrermos Portuguezes como Portuguezes nascemos, levantemos bem alto a bandeira azul e branca para que á sua sombra se acolham

todos os patriotas dignos d'esse nome, todos os que ainda sentem palpitar nas veias o sangue valoroso dos gigantes do Passado.

* * *

A constituição garante-nos a liberdade de pensamento, a liberdade de consciencia, a liberdade de associação e de reunião. Podemos pois ter os nossos jornaes e escrever como entendermos, dentro da lei, repellindo todos os attentados contra essa liberdade essencial; podemos cumprir os deveres que nos impõe a nossa religião, castigando os que offenderem as nossas crenças ou ferirem as susceptibilidades sagradas da nossa consciencia de catholicos; podemos ter os nossos centros, as nossas associações e ali fazer livremente a propaganda da ideia monarchica e verberar os crimes do regimen; podemos finalmente, organisar conferencias, comicios, reuniões de toda a especie por esse paiz fora e discutir á luz do dia a obra da Republica, mostrando á nação que tem sido illudida, expoliada e deshonrada e que só a Monarchia pode restabelecer a ordem no interior, garantir-nos a paz e a consideração dos outros povos, no exterior.

Disporem-se a entrar desde já n'esta batalha, corajosamente, sem hesitações nem receios de nenhuma ordem, conscios do direito que lhes assiste, certos de que estão na sua casa e teem os mesmos direitos que *elles*, senão mais, porque constituem a grande maioria do paiz e não lhes pesa sobre os hombros a responsabilidade dos mais odiosos crimes de lesa-Patria, é o primeiro dever dos monarchicos que o são a valer e comprehendem as suas obrigações de patriotas.

Vamos a isto, que o tempo urge. Quem desertar do seu posto de combate n'esta hora terrivel em que o horisonte europeu se cobre de grossas nuvens negras, ameaçadoras da tempestade que se approxima, e da qual por certo sahiremos mal feridos se não tomarmos providencias quanto antes,

quem n'esta hora solemne desertar do seu posto não tem o direito de dizer-se monarchico nem de dizer-se Portuguez.

Cada um no seu posto, um por todos, todos por um e todos — Pela Patria!

A victoria dos conservadores em França

Os nossos collegas *O Dia*, *O Nacional*, *O Jornal da Noite* teem-se encarregado de confundir com transcripções eloquentes, como nós já fizeramos o anno passado n'*A Restauração*, os especuladores republicanos que, tendo sido sempre inimigos implacaveis da alliança ingleza agora se não cançam de fazer salamaleques á Gran Bretanha.

Mas outra que não tem sido menos explorada pelos gazeteiros republicanos do que a questão da alliança ingleza, é a do triumpho da França como consequencia da *democracia.*

Com isto se tem especulado constantemente desde o inicio do conflicto europeu e com isto se podia illudir muita gente se não fosse facillimo demonstrar que a França estaria irremediavelmente perdida, se teem vingado as ideias da *democracia.*

Foram os conservadores e, sobretudo, os catholicos, quem advogou sempre as ideias da *révanche.* Os radicaes e os socialistas eram partidarios, como se sabe, do accordo com os socialistas allemães como meio de evitar a guerra, partidarios da gréve geral, nephelibatice que o proprio Gustave Hervé acabou por combater, rindo-se d'ella. Todas as obras de educação patriotica da mocidade, toda a propaganda do mesmo genero era feita pelas folhas conservadoras e especialmente pelas catholicas. Aos jornaes conservadores se deve o espirito de ressurreição de que a França vinha dando signal nos ultimos annos.

Os generaes que hoje a salvam, ou que dão esperanças de a salvar, os que pelo menos até este momento teem dado provas de grande talento e tacto dirigindo as operações e fazendo uma campanha acima de todo o elogio e de toda a espectativa, foram sempre vivamente combatidos pelos radicaes e socialistas, isto é, pela demagogia. Quando

se discutiu a lei dos tres annos, chegaram a insultar o general Pau em plena camara, onde elle fôra, apesar de não ser deputado, para fornecer, *como technico*, os esclarecimentos indispensaveis, dizendo e fazendo taes coisas que o general Pau mais d'uma vez se levantou para se retirar. O general Joffre foi do mesmo modo insultado a quando da reforma do general Faurie. E ainda ha pouco, quando o senador Humbert fez as suas revelações sensacionaes, que os factos estão desmentindo completamente, *o estado maior*, *o alto commando do exercito* foram alvo dos mais vivos ataques e insultos.

Toda a grande obra militar da França, que agora se vê ter sido admiravel, foi feita sob injurias e apostrophes de toda a ordem ao alto commando, dando os generaes e mais chefes, sempre accusados de catholicos e reaccionarios, provas d'uma abnegação e d'uma resignação inegualaveis. E mesmo assim só triumpharam sob a pressão das allianças. Sem isto, a decantada *democracia*, entregue a si propria, teria estragado tudo e a França vêr-se-hia agora irremediavelmente perdida.

A lei dos tres annos resultou da propaganda formidavel dos mesmos conservadores e catholicos. O alto commando *reaccionario*, como diziam os demagogos, julgou-a indispensavel. Mas sem o appoio dos conservadores, os radicaes-socialistas e os socialistas tê-la-hiam tornado impossivel. Mesmo assim não vingaria sem a imposição derradeira das allianças. Ainda ahi a *democracia*, entregue a si propria, teria inutilisado todos os esforços sensatos de reorganisação. Sem a lei dos tres annos teria sido impossivel deter o passo aos allemães, como se está fazendo.

De resto, a propria demagogia nunca foi em França coisa que se parecesse com a *demagogia* portugueza. As congregações dissolvidas no continente foram mantidas nas colonias. E mesmo no continente só foram dissolvidas para *radical ver*. Paris e a França estão cheios de jesuitas, vivendo aos dois e dois e tres e tres. Ha mais jesuitas em França, actualmente, do que antes d'elles serem expulsos.

As irmãs da caridade andam por toda a parte. O proprio Combes dizia aos membros das congregações: «E'

preciso dar esta satisfação aos elementos avançados, mas deixem-se ficar por ahi!»

Com a perseguição á Egreja, ninguem o ignora, o espirito catholico em França redobrou de vigor. N'este instante, um dos mais bellos espectaculos de Paris são as egrejas, de dia e de noite, cheias de gente.

Emfim, a influencia conservadora, a influencia do meio é tamanha, que até Gustave Hervé... se transformou. Temos lido a *Guerre Sociale* todos os dias. Os seus artigos *patrioticos* e militaristas são soberbos. Patriotas, militaristas e quasi catholicos. Já fala aos padres com ternura.

Um dos factos que mais contribuiram para a ressurreição do espirito patriotico em França, foi ainda a propaganda a favor de Joanna d'Arc e de Napoleão. Ora essa propaganda foi sempre combatida pelos *democratas*, que faziam manifestações contrarias nas ruas, no dia da festa de Joanna d'Arc,—excepção feita do anno passado e d'este anno—chegando a haver batalhas entre os patriotas e a policia, que carregava sobre elles por ordem dos governos de Caillaux.

O esforço dos demagogos em favor do levantamento do espirito patriotico cifra-se nas *fiches* do general André, que desorganisaram inteiramente o exercito, sendo precisos longos annos de salutar reacção conservadora para vencer esse infame espirito maçonico que arrastava o exercito e a França para o abysmo.

A artilharia está sendo a maior força do exercito francez em campanha. O seu canhão de 75 está fazendo maravilhas. Ora a esse proposito publicou o *Eclair* um interessante artigo de Ernest Judet, pelo qual se vê a lucta incessante que os conservadores—republicanos e monarchicos—tiveram sempre que sustentar contra as mais infames investidas e calumnias, para augmentar o prestigio do exercito e o valor defensivo da França. Quando o general Picquart foi transferido para Tunis disseram-se mil infamias, attribuindo-se tudo á vingança reaccionaria.

Afinal Picquart fora transferido, como prova com documentos irrefutaveis o artigo de *Eclair*, par causa dos seus desleixos na questão da artilharia. E foi um ministerio pre-

sidido pelo *reaccionario* Méline (chefe dos republicanos progressistas mas accusado de reaccionario pelos radicaes) quem dotou o exercito com o canhão de 75 salvando então a França de ser esmagada pela Allemanha que, sem isso, lhe teria declarado a guerra.

Em Portugal não ha ideia nenhuma sobre o verdadeiro estado moral da França.

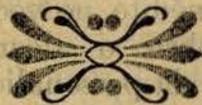
Temos lido diariamente os jornaes de Paris, que são d'uma correcção extrema. E' maledicencia attribuir-lhes exaggeros, fanfarronadas ou temores. Uma das coisas que justamente se deve admirar é a nobre attitude da imprensa. Era natural que ella se desencadeasse em invectivas contra a Allemanha, que durante tanto annos tratou a França com insultos e desprezo. Pois, sem deixar de atacar o pais inimigo, nem um só jornal se desmanchou em ferozes invectivas. E ao mesmo tempo que registam os authenticos successos das suas armas vencedoras, vão sempre lembrando aos leitores que a França está longe da victoria e que não se admirem se os revezes, o que é possivel, apparecerem. E esta calma, esta simplicidade é um dos symptomas da força d'aquelle povo. As fanfarronadas e as exaltações não demonstram força, mas fraqueza.

Inverteram-se os papeis! Antes de 1870, e no começo da campanha, os fanfarrões eram os francezes. Agora vinham-no sendo os allemães ha muitos annos. Ainda poucos dias antes da guerra, um jornal allemão ameaçava os francezes de ficarem *sem ossos*, advertindo-os de que Nossa Senhora de Lourdes não teria o poder de lh'os unir. Como esta fanfarronada milhares d'ellas; até pareciam as fanfarronadas dos republicanos portuguezes aos realistas. Todos nós, os extrangeiros que viviamos em Paris, iamos achando a prosapia allemã ridicula e denunciadora d'uma certa decadencia. Um povo, como um homem, verdadeiramente forte, nunca recorre ás bravatas, que são um triste expediente.

O facto é que a França está resistindo admiravelmente á investida allemã e que os germanos já baixaram o tom de voz. O facto é que, se a França vencer, a victoria se deve exclusivamente á salutar reacção conservadora dos ultimos annos. O facto é que, se os demagogos tivessem

triumphado, o esmagamento da nossa grande irmã latina seria fatal. Tudo isto se prova com argumentos como aquelles a que nos referimos acima e com outros que citaremos em outro artigo, para acabar de provar o cynismo e petulante atrevimento dos escrevinhadores que pretendem fazer acreditar ao paiz que o triumpho da França é a consagração da *democracia*.

O triumpho da França será a consagração do catholicismo, a consagração das idéas conservadoras, a derrota completa da demagogia que, perante a guerra, teve que abater bandeiras afim de não ser anniquilada pela onda da indignação nacional.

E todavia, que differença, que espantosa differença entre a demagogia franceza e a reles demagogia lusitana!

Chronica da semana

POR

JOÃO DO AMARAL

O MEU DIARIO

20 de Abril

As palavras que n'este logar dirigi ao Conselheiro José Maria d'Alpoim são apenas uma apagada e branda expressão do que posso e sei dizer-lhe caso elle persista em escrever facecias ácerca das ideias que defendo. Não basta ser velho para fazer jús ao respeito dos outros; pelo contrario: nada ha mais asqueroso do que um velho sem pudôr.

O snr. Alpoim não conhece aquillo a que os francezes chamam—*l'art de se faire oublier*. Julgou comprar a minha benevolencia com a citação de artigos meus e com fazer referencias elogiosas ao nome obscuro que os subscreve. Eu entendi que não devia deixar mal collocadas as pessoas de bem a quem devo referencias eguaes, e fiz publicar n'*A Ideia Nacional* o cartão aberto que os leitores conhecem. O chronista do *Janeiro* exasperou-se. Escreveu agora umas coisas sem nexo a meu respeito. Não me cita o nome, nem o titulo da revista e, tendo chamado plebeu ao meu querido amigo Hypolito Raposo, trata-me de burguez, a mim. Fiquei varado: teem-me consagrado muitos qualificativos; mas o de burguez é inédito no vocabulario dos meus predicados. Tambem não consigo descobrir o alcance d'esta palavra—*burguez*, applicada á minha desconhecida personalidade. E' uma questão de familia? E' uma questão de nome?

Pelo amor de Deus, senhor conselheiro, não folheemos esse capitulo. Porque, afinal, não importa que eu seja descendente de fidalgos ou de servos da gleba; tenho o orgulho de desejar que o meu nome valha pelo que eu sou, e espero, snr. Alpoim, que nunca a policia sanitaria, ou outra, pensará em leva-lo ás matriculas do governo civil...

22 de Abril

«—Meu caro Alfredo Pimenta:

Acabo de ler a epistola que V. dirigiu ao director d'*O Jornal* sobre a situação politica presente. E sendo V. um dos raros publicistas por quem eu tenho uma grande consideração, parece-me desnecessario dizer-lhe comquanto e quão zeloso apreço me dediquei a essa leitura.

Antes de mais, devo affirmar-lhe que V. gosa hoje, no nosso paiz, uma situação invulgar; pelo menos será difficil encontrar quem, como o Alfredo Pimenta, tenha sabido conciliar-se a respeito de gregos e troyanos; porque nem mesmo aquelles a quem todas as competencias irritam desde que não lhes servem os interesses, nem mesmo esses ousam pôr em duvida o seu provado valor intellectual. Entretanto, sendo singularmente excellente, a sua situação é tambem singularmente cheia de perigos. V. mantem-se por um milagre de equilibrio tão sobrepairante ás solicitações da direita, como ás da esquerda ou ás do centro; mas no dia em que V. cahir aos olhos de qualquer d'essas facções, cahirá da mesma fórma perante as restantes; todas as viram no cimo; todas o hão-de vêr por terra; e todos aquelles que hoje o applaudem, quererão bater-lhe no dia d'ámanhã.

De resto, eu e quantos o admiram mais conscienciosamente, tratando de saber o segredo do milagroso equilibrio em que se mantem, cedo descobrimos na sua vida uma desagradavel contradicção. V. diz-se um positivista e honra-se com trazer o pensamento no triste mas seguro convivio das realidades. E com effeito assim parece ser; áparte uma ou outra excepção sem importancia, as suas ideias politicas têm um forte apoio na lei natural; não ha vicios de imaginação que as infantilisem; V. possue aquella intelligencia e espirito latino que sabem descobrir, no largo seio da vida, o marmore da verdade e lhe dão ao mesmo tempo o ritmo, a curva e a beleza das estatuas eternas. V. é assim nos seus escriptos; V. pensa logicamente, intelligentemente. Mas não *age* como pensa, quero dizer, não subjuga a pratica dos seus actos politicos, ao mesmo amor das realidades que tão nobremente conduz o seu pensamento.

Está n'esta contradicção o segredo do equilibrio em que se mantem. O meu querido amigo apresenta como principal artigo da sua doutrina—o respeito e a necessidade da Disciplina e colloca sempre acima dos preconceitos e dos caprichos individuaes, o interesse e o direito social.

Entretanto procura-o a gente no campo da batalha, enquadrado no organismo politico que poderá fornecer um minimum de realisação

ás suas ideias, e não o encontra; porque V. prefere ser Alfredo Pimenta, Alfredo Pimenta *tout court*, prefere enclausurar-se no commodo alheiamento do seu gabinete, a sujeitar-se a este tumultuoso conflicto de realidades em que vivemos. A correcção que a experiencia e os factos trazem a todas as formulas, por mais positivas que nos pareçam, não a quer V. para as suas. Porquê? Não sei. O que eu sei é que no dia em que V. descesse das realidades do pensamento ás realidades da experiencia, isto é, se V. para produzir uma acção social activa e pratica tivesse de escolher, entre os valores politicos *existentes*, aquelle que mais conviesse, ás tendencias do seu espirito, n'esse dia quebrava-se o encanto e V. haveria de sujeitar-se, como todos aquelles que empurram o paiz para a direita, a soffrêr os insultos de quantos o impulsionam para a esquerda. Teria perdido o equilibrio; mas, na realidade, a sua consciencia haveria de segredar-lhe que outros ganhos compensavam uma perda tão mesquinha.

Devo dizer-lhe que a sua carta define bem a actual situação politica. O apoio que V. dá á obra do general Pimenta de Castro parece-me de todo o ponto justo e louvavel; mas o meu Amigo conhece melhor do que eu a natureza d'este regimen, para se illudir sobre qual seja o resultado do dispendio de energias feito pelos actuaes governantes. A questão resume-se em duas palavras:—o snr. Pimenta de Castro está applicando á crise doentia que soffremos os remedios que lhe applicaria um governo monarchico. Elle, dictador e general, resolve o problema da Ordem por processos anti-democraticos, anti-republicanos; a Monarchia, amanhã, faria outro tanto. Existe, porém, uma differença suprema:—é que a solução Pimenta de Castro tem de ser forçosamente uma solução transitoria, ao passo que a solução monarchica seria, naturalmente, estavel e duradoira. Não curam de semelhante differença aquelles para quem o sentido d'esta palavra—politica—se encerra na curva apertada dos interesses immediatos e das sensações mais proximas. V., porém, não está n'esse caso: subiu já muito alto na collina do pensamento para que possa descortinar no vasto horizonte da vida, as verdades do passado, os erros do presente e as certezas do futuro.

Apraz-me notar tambem que V. já não tem contra a Monarchia preconceitos de caracter doutrinario, mas simples objecções *de facto*, incidentaes, facilmente removiveis. Ainda se não desenganou da possibilidade d'uma republica conservadora... Não vale a pena discutir *possibilidades* quando, para o mesmo effeito, possuimos a *certeza* de que a Monarchia restaurada seria, pelo menos, mais conservadora do que qualquer solução republicana. A restauração monarchica, diz V., está imbuida de vicios liberalistas. E' facto. Mas o meu querido Al-

fredo Pimenta conhece a formidavel reacção que se vem creando contra essas viciações de pura doutrina realista; o meu Amigo sabe que o integralismo não é já sómente uma aspiração de moços intellectuaes; a sua influencia transparece em demonstrações officiaes da opinião monarchica, podendo vêr-se manifestadas as tendencias *reaccionarias* da futura Monarchia no inquerito promovido pelo *Nacional* e na propria escolha dos dirigentes do partido, á frente dos quaes apparece o Conselheiro Ayres d'Ornellas, cujas opiniões anti-democraticas são sobejamente conhecidas.

Mas, repito, estas objecções de facto são meramente incidentaes. Você passará por ellas, deixal-as-ha para traz sem magua e sem desgosto, e ha-de seguir em frente animado por esse santo amor da Verdade que o trouxe já de muito mais longe... »

João do Amaral

Banditismo Politico

(Continuação do Capitulo II)

Logo na origem se dividem em tres grupelhos. Bulhas *porcas* que os sujam e dilaceram. Violentos ataques contra José Elias, o creador do bando republicano em Portugal. Acção politica e caracter d'este corypheu. Theophilo Braga divide os republicanos em republicanos-regeneradores e republicanos-progressistas e confessa que *já não ha nada a esperar d'elles.*

Mas voltemos atraz. A *Republica* nem por ser diaria foi mais feliz que as gazetas anteriores, vindo a morrer em 4 d'abril de 1875. E os grupelhos, sentindo-se, de per si, impotentes para trabalhos de propaganda quanto mais para uma acção de combate, tentaram varias vezes congraçar-se. A mais séria d'essas tentativas deu-se a 25 de março de 1876, reunidos os grupelhos em banquete, no palacio Farrobo, ao Largo do Quintella, em Lisboa, a pretexto de solemnizaram o triumpho eleitoral dos republicanos francezes contra o presidente Mac-Mahon. Ainda possuimos o cartão que, com o *menu*, foi distribuido aos convivas n'esse dia. Eis o texto, por simples curiosidade historica:

Lisbonne, le 25 Mars 1876. — Menu du diner à l'honneur de la République Française. — Consommée à la Démocratie. Petits patés à la République. Poisson au purée de pommes de terre sauce populaire. Filet de boeuf piqué à Gambetta. Grand pâte de langue à Victor Hugo. Mayonnaise. Roti. Dinde truffée. — Salade. Entremets. Puddings au peuple. Blanc manger. — Desserts. Vins. Rio Dão. — Champagne. — Porto.

E não haviam elles d'estragar as leis, os costumes, as instituições, as modas, tudo que estupidamente importavam de França, se até o francez era... macarronico!

No fundo do cartão lia-se:

Segunda-feira 27, ás 8 horas da noite, ha reunião do partido democratico na rua da Rosa 105. Roga-se o seu comparecimento.

No jantar tomaram parte representantes dos tres grupos e usaram da palavra: Oliveira Marreca, que presidiu; Bernardino Pinheiro, José Elias Garcia, José Jacintho Nunes, Simões Raposo, Carrilho Videira, Antonio Ignacio da Fonseca, Eduardo Maia, Silva Vianna, Emilio Richer, que falou em nome da colonia franceza certamente sem procuração para isso, e Ladislau Batalha, que leu uma poesia.

Na segunda-feira reuniram-se, de facto, como estava preceituado, na rua da Rosa 105, ou casa de habitação ou consultorio, não me recorda agora, do medico José Izidoro Vianna. E ahi se renovou e aggravou, ficando mais desavindos do que estavam, a bulha porca que vinha travada desde o inicio.

Carrilho Videira, no *Almanach Republicano,* conta assim os factos:

"Dois dias depois reuniam-se quasi todos os commensaes do banquete na rua da Rosa, em casa do dr. José Izidoro Vianna, para se decidir a conveniencia do novo partido. Foi esta votada por unanimidade.

O sr. Gilberto Rolla apresentou os estatutos que redigira antecipadamente. Os srs. Elias Garcia, Bernardino Pinheiro, Consiglieri Pedroso e o auctor d'estas linhas, foram, no dia seguinte ao do banquete, convidados a comparecer em casa do sr. Gilberto Rolla, afim discutirem esses estatutos. O desacordo versava sobre a denominação que convinha dar ao Centro. Os srs. Elias Garcia e Bernardino Pinheiro convenceram o sr. Consiglieri Pedroso da conveniencia que havia de se denominar *democratico*, mas o sr. Rolla accordou commigo designa-lo *republicano*, e debatido demoradamente o assumpto não se chegou a accordo. Em seguida á discussão em casa do sr. Gilberto Rolla, na manhã da vespera da primeira reunião do partido, o sr. Elias Garcia sahiu comnosco da casa d'aquelle e ambos sós ao jantar tornámos a renovar a discussão. Passámos da taberna Ingleza para o café Grego, discutimos e d'alli sahimos cerca da meia noite, pactuando em que não seria eu que levantaria a exigencia de designação de centro republicano, mas sustentaria se acaso alguem na assembléa levantasse este incidente.

A sessão foi effectivamente imponente. Presidiu o sr. Oliveira Marreca e estavam presentes os homens todos dos tres grupos republicanos, conservadores ou democratas, unitarios e federaes. Dos estatutos apenas suggeriu debate a designação do titulo do Centro impugnando a de republicano os srs. Eduardo Maia e Consiglieri Pedroso, os quaes levantaram a indignação d'uma maioria consideravel O Centro, em vez de republicano ou democrata, ficou designando-se republicano-democrata por proposta nossa. O sr. Elias Garcia e Consiglieri Pedroso e meia duzia de fieis submetteram-se silenciosos e resignados. O sr. Maia demittiu-se por meio d'um officio offensivo para a maioria.

Procedeu-se em seguida á eleição dos corpos gerentes e de 34 nomes que constituiam o directorio todos, ao tomar posse, em solemne e numerosa assembléa geral, agradeceram a eleição, e fizeram a sua profissão de fé republicana o ancião Marreca, Bernardino Pinheiro, Gilberto Rolla, Izidoro Vianna, Alves Branco, Souza Brandão, etc. menos o sr. Elias Garcia, o qual persistia silencioso, e affrontou resignado as instigações do sr. Eça Ramos e d'alguns correligionarios que o impelliam a proceder como os demais"

Até comer os *petits patés à la Republique* chegara elle. Mas ir alem... era perigoso, n'uma epocha em que os republicanos ainda não tinham força para o eleger, como os monarchicos então o elegiam, deputado e membro da camara municipal de Lisboa. E d'esta forma irão vendo os leitores que a republica está morrendo como o partido republicano nasceu, cresceu e se desenvolveu; sem principios, sem crença, sem fé, sem honra, dividido em grupelhos que se degladiavam sem escrupulos, sem consciencia, sem olhar a meios nem processos, verdadeira briga de taberna, verdadeira rixa de prostibulo, guerra baixa, indigna, feroz, de vergonhosas vaidades e insolitas ambições.

As dissidencias cada vez mais se aggravavam. A polemica ia n'um crescendo d'azedume. Faziam-se a José Elias as mais graves accusações. Uma d'ellas pittoresca, sem deixar de ser verdadeira: José Elias era membro da commissão executiva do partido republicano; ao mesmo tempo, secretario do centro monarchico reformista. Um relampago para dentro d'um caracter, em estylo do Theophilo.

Ladislau Batalha publicou um pamphleto (¹) onde, a respeito de José Elias, clamava:

"Que papel representava então aquelle homem e que papel representa mesmo hoje? Quer a Monarchia? Quer a Republica? Transige? Pactua? Explica-se? Ninguem o sabe. E' um mysterio; da sua vida intima muito se diz, porem eu n'isso não entro; da sua vida publica sei que é correligionario dos republicanos-democratas, dos historicos, dos reformistas, e talvez o seja tambem dos regeneradores".

E talvez o seja, tambem, dos regeneradores! Pois dos regeneradores sobretudo. Tinha sido até ahi republicano e reformista. Ia ser republicano e regenerador, de futuro.

Como Batalha incommodasse, como Carrilho importunasse, não estiveram com mais aquellas: expulsaram-nos com a pecha de *vendidos*.

No governo civil de Lisboa appareceu uma carta anonyma a accusar Casimiro Gomes, um dos tenentes mais em evidencia de José Elias, de relações incestuosas com a propria filha. Quem fôra o auctor da carta anonyma? Carrilho. Provas? A letra, *que era parecida*. Mas — caso interessante, — Carrilho, espião, Carrilho, agente da policia, Carrilho, vendido, recorria a uma carta anonyma para... levar factos criminosos dos republicanos ao conhecimento da policia! Segundo caso interessante:

(¹) *A Nova Inquisição ou o Directorio Republicano e os seus actos perante a opinião publica.*

o governo civil apressava-se a entregar a carta anonyma do seu espião, do seu agente, áquelles... que elle mandava espiar por esse agente!

Este foi um dos fundamentos da expulsão de Carrilho.

Outro fundamento: que Carrilho, vigiado, fôra visto entrar por varias vezes em casa de Antonio Rodrigues Sampaio, então ministro do reino e morador, ao tempo, na travessa de Santo Amaro, á rua de S. Bento. E Jacintho Nunes podia entrar a toda a hora em casa do ministro, dos ministros, no ministerio do reino, em todos os ministerios, para, sobre os negocios de Grandola, negociar accordos varios, muitas vezes pouco sérios e sempre attentatorios da dignidade dos principios! [1] E José Elias podia ser conjunctamente membro da commissão executiva do partido republicano e secretario do Centro Reformista! E Bernardino Pinheiro, um dos julgadores de Carrilho, podia ser intimo de Saraiva de Carvalho, amigo, visita, commensal de todos os ministros historicos e de todos os ministros reformistas! A fraternidade, a fraternidade! E o amor que elles tinham e até hoje ficaram tendo á justiça e á verdade!

Terceiro fundamento: fez-se uma circular, assignada pela commissão executiva, a participar a constituição do centro republicano de Lisboa a diversos elementos da provincia. Foi Carrilho o encarregado de mandar compor e imprimir a circular. E Carrilho, já de mal com os outros, e sabendo o medo infantil que elles tinham de tudo e de todos, não quiz restituir o original para lhes fazer uma pirraça. Conclusão: Carrilho ficou com o autographo para o entregar á policia!

Mas tratava-se, porventura, d'um documento secreto? O que ia dizer o autographo á policia, que a policia não soubesse? Que se tinha constituido em Lisboa um centro republicano democratico, do qual os principaes elementos eram os antigos *lunaticos do Pateo do Salema?* Que do directorio eleito, e da commissão executiva, faziam parte Latino Coelho, Oliveira Marreca, José Elias, Gilberto Rolla, Souza Brandão e outros?

---

[1] Esta *reliquia,* como lhe chamam agora os republicanos, e em especial Cabrito Macho depois de o ter roubado, foi preso com Manuel d'Arriaga no dia 11 de fevereiro de 1890, na manifestação realisada em Lisboa ao fazer um mez do *ultimatum*. Conduzidos ambos ao governo civil, foram d'alli transferidos para um navio de guerra, o *Vasco da Gama,* se me não falha a memoria. Soltos dois dias depois e desembarcados no Terreiro do Paço, a *reliquia*, aliás, no fundo, um pobre homem, dirigiu-se em linha recta ao ministerio do reino, a continuar, com o ministro que o tinha mandado prender, um accordosinho sobre Grandola que em virtude da *arruaça* tinha ficado suspenso.

Só ouvir a indignação com que Manuel d'Arriaga referia este caso... *indecente!*

Alem de tudo, ridiculos ([1]). E a intrepidez? a firmeza d'opiniões? E a decisão de caracter? Porque o facto é que grande parte d'essas perseguições e d'essas villanias derivavam d'um medo inconcebivel. Chegaram a esta estupidez: a imprimir, no alto da pagina das circulares, C. R. D., em vez de *Centro Republicano Democratico,* porque, assim... seria a prova mais difficil!

Ladislau Batalha imputa a resistencia de José Elias, de Consiglieri Pedroso e dos que luctaram tenazmente em favor da designação de *Centro Democratico* contra a designação de *Centro Republicano* á esperança de, após a queda do ministerio regenerador, serem chamados ao poder.

Attribuia-se a D. Luiz, cujo fim supremo, durante todo o seu reinado, foi deter a onda demagogica corrompendo e codilhando *os avançados*, o proposito d'imitar seu sogro, Victor Manuel, entregando o poder aos reformistas e aos democratas logo qua a situação regeneradora, então no poder, se tornasse insustentavel. E assim José Elias, Consiglieri Pedroso, Bernardino Pinheiro, os que faziam parte do grupo *moderado,* não queriam ser compromettidos pelos *intransigentes.* Mas queriam absorve-los. Era-lhes indispensavel, para conseguirem alguma coisa, absorve-los.

([1]) Ridiculos, sim. Mas, ao mesmo tempo, maus, mesquinhos, vis. Então como hoje. Sempre os mesmos!

Cheguei a Tuy, depois de ter estado mezes em Paris, em Madrid e em outras terras de Hespanha, a 7 d'outubro do corrente anno de 1911. Não podendo o meu estomago com a comida dos hoteis, aluguei uma casita e disse para Aveiro que me mandassem, mediante previo pedido de passaporte no governo civil, uma creada de confiança que eu lá tinha. O governo civil, d'accordo com o ministro do interior, o inclito João Chagas, não sómente se recusou a dar á creada o passaporte devido como declarou que a prendia se, por acaso, ella, atravez de tudo, quizesse vir. Porquê? perguntou alguem. Resposta: *porque nós sabemos muito bem que a querem fazer portadora de documentos... revolucionarios!*

— Mas os senhores podem manda-la revistar: Podem manda-la acompanhar até á fronteira por um policia. Se ella, ou alguem por ella quizesse subtrahi-la á vigilancia da policia, ou se pensassemos que os senhores desceriam á tyrannia de a reter por simples maldade, não se vinha aqui pedir passaporte, pois era facil, então, faze-la transpôr a fronteira furtivamente, como tanta gente faz todos os dias. Nem era preciso manda-la a ella *levar recados* ao snr. Homem Christo. Não faltariam homens para isso.

— Não vae, já disse!

Ha mil casos como este e mais tyrannicamente baixos, ainda, do que este.

Maus, canalhas, vis, descendo a todas as miserias e invocando, para fazer mal, até os pretextos mais ridiculos.

Foram sempre assim.

O que desejava D. Luiz? Que os republicanos pactuassem. Levava-os a isso José Elias e a sua gente? O rei ficaria reconhecido. Mas José Elias e os seus eram vencidos? Deixava d'existir o motivo que levaria o rei a transigir. Justamente a situação que voltou doze annos mais tarde, quando Barjona de Freitas, para não reconhecer a chefia de Serpa Pimentel, fundou a *Esquerda Dynastica*, separando-se do partido regenerador.

Depois, um outro incidente veio tirar força aos republicanos e abrir um novo rumo á politica portugueza. Foi a fusão de historicos e reformistas, com um programma e promessas tão pomposamente democraticas, que qualquer outra combinação, em sentido radical, ficava arredada de momento. E a José Elias, sem consistencia de caracter, — mal d'origem — sem temperamento e sem fé revolucionaria, não tendo querido, por qualquer motivo d'ordem pessoal, acompanhar os reformistas, só lhe restava um recurso: fazer o jogo dos regeneradores, do *partido do rei,* como lhe chamavam, de que era chefe *o seu amigo* Fontes. Assim fez. E com tal audacia que já nas eleições de 1878 apparecia como candidato officioso, para não dizer official, do partido regenerador. O que levava o *Trinta Diabos,* papel satyrico e de combate da facção federal, a clamar, em 14 de julho:

" Valente regenerador nos sahiu o *republicano* sr. Elias Garcia, ex-reformista! „

E em 19 de setembro:

" Achamos engraçado. O circulo 95, de Lisboa, tem dois candidatos ambos apoiados extra-officialmente pelo governo. São os srs. dr. Pereira de Lima, e José Elias Garcia! Parece que ha um terceiro candidato, mas granjola, *master* Barros *and* Cunha. Sobretudo o que achamos d'enorme chiste é a candidatura do amphybio politico José Elias com a chancella particular do governo e das auctoridades. Chama-lhe então *politica possibilista!* Estes republicanos da casa real são levados da breca com as suas figurinhas de gesso! -

Manuel d'Arriaga era tambem candidato, por outro circulo, n'essas eleições. A recommendar a sua candidatura distribuiu-se uma circular, dizendo:

" Este cidadão é republicano como particular e será republicano como deputado; e não é inutil esta affirmação, não só porque não é raro ver individuos republicanos serem candidatos monarchicos, senão tambem porque afastadas assim quaesquer ambiguidades, todos os votos que este nome obtiver na urna nada terão perdido da sua significação. „

Era o repudio da candidatura José Elias e a formal condemnação do candidato.

A favor d'esta candidatura houve, em 11 d'outubro, um comicio no palacio do conde de S. Miguel, a Arroyos. Presidiu Souza Brandão. José Elias falou durante duas horas. Pois não pronunciou uma unica vez a palavra *republica* ou *republicanos!*

Porem o melhor de tudo é a historia das duas circulares. Uma para os monarchicos em linguagem... monarchica! Outra para os republicanos em linguagem... republicana! Não ha nada que defina melhor o caracter, o feitio, a carencia absoluta de convicções e de sinceridade do homem que mais influencia exerceu sobre o partido republicano em Portugal. Porque a verdade é esta: é que todos bramavam contra elle mas todos, tarde ou cedo, lhe acceitavam o mando e lhe acatavam a auctoridade. Pode-se dizer: foi elle quem o creou.

As eleições realisaram-se em 13 d'outubro. No circulo 95 houve empate. E antes da eleição de desempate, marcada para 3 de novembro, publicava o *Diario Popular,* no dia 1, esta carta, por muitos titulos curiosa:

Ill.mo e Ex.mo Sr.

Temos a honra de communicar a V.a Ex.a para que se digne de o fazer constar á assembleia geral do centro republicano democratico de Lisboa que resignamos os cargos, com que nos haviam honrado a confiança dos nossos concidadãos e nos demittimos de membros do centro. Permanecemos fieis aos principios, que temos professado e cada vez mais convencidos da excellencia d'uma idéa que tem por si a razão, a justiça e a humana dignidade. Continuamos a seguir e a evangelizar quanto couber em nossas faculdades a mesma doutrina, em cujo nome nos associámos com os nossos correligionarios na fundação do centro republicano de Lisboa; obedecendo, porem, a um dever de consciencia, somos forçados a demittir de nós as honrosissimas funcções, em que nos investira a benevolencia da assembléa geral.

Discordando profundamente da politica seguida por parte do centro em relação ao presente governo do paiz e á intervenção do partido republicano na lucta eleitoral do circulo n.° 95, não desejamos n'estes pontos participar das responsabilidades, que o silencio, interpretado como tacito assentimento, poderia auctorisar.

Crendo, como n'uma verdade intuitiva, na victoria infallivel e não remota, da verdadeira democracia, na sua forma exclusivamente popular, e esperando que a unidade e o rigor do nascente partido republicano portuguez saberá triumphar de todos os meios empregados para o enfraquecer e dividir, poremos da nossa parte o maior empenho para que elle justifique as sympathias publicas pela moderação com a firmeza, pela perseverança com a abnegação, pela prudencia dos seus actos sem o falso oppurtunismo de allianças deleterias, pela tolerancia democratica sem a funesta complacencia com interesses de occasião.

Temos a honra de ser com a mais subida consideração.

Lisboa 31 d'outubro de 1878.

De V. Ex.a, amigos e correligionarios — *Antonio d'Oliveira Marreca, José Maria Latino Coelho, Bernardino Pereira Pinheiro*.

A carta era dirigida ao dr. Manuel Thomaz Lisboa, como primeiro vice-presidente do centro republicano, do qual eram presidentes Marreca e Latino.

O catonismo intransigente do pittoresco mas bondoso Jacintho Nunes, o homem dos accordichos de Grandola, tambem tremeu do fundo da sua aringa alemtejana. E eil-o por seu turno, em 2 de novembro, a epistolographar ao dr. Thomaz Lisboa.

"Ex.mo Sr.—Peço a V. Ex.a que communique ao Centro Republicano Democratico de Lisboa que d'esta data em deante deixo de fazer parte do centro. As razões que determinam o meu procedimento são as mesmas que invocaram os meus correligionarios Marreca, Latino Coelho e Bernardino Pinheiro. Escusado será assegurar a V. Ex.a que continuarei no meu posto de honra, mantendo firme a bandeira da republica democratica, e combatendo no estreito limite das minhas forças as velhas instituições monarchicas.

Grandola, 2 de novembro de 1878.

De V. Ex.a, Mt.° at.° e ad.—*José Jacintho Nunes*„.

Não era tudo. Os federaes fundaram em Lisboa o *Amigo do Povo* para advogarem a candidatura de Theophilo Braga, que se propunha pelo circulo 94, Alfama. O proprio Theophilo Braga collaborou na gazeta. Ora o *Amigo do Povo,* parodia ridicula, no titulo e no estylo como vamos ver, do celebre pamphleto de Marat, dizia:

"A'lerta!...

"Consta-nos que o renegado José Elias Garcia e os seus dois sectarios Casimiro Gomes e o Braga, despachante, se teem reunido no largo da Rua dos Canos, em casa do compadre Tavares, para enganarem o povo, apresentando o Elias Garcia como deputado *republicano* por um dos circulos.

A'lerta povo amigo!...„

E n'outro dia:

"O *Amigo do Povo*, em nome do comité de salvação publica, e para que nenhum cidadão republicano possa allegar ignorancia do presente decreto, faz constar o seguinte:

1.° A contar da data d'este declara traidor á republica e põe fóra da lei, para todos os effeitos, o ex-cidadão José Elias Garcia, vereador municipal, e presidente do centro *regenerador,* estabelecido na Travessa da Assumpção, d'esta cidade.

2.° Egualmente declara traidores á republica e põe fóra da lei, os cidadãos que, no praso de trinta dias, a contar da data do presente, fizerem parte do mesmo centro.

3.° Ordena em nome da salvação da republica e da patria, a todos os bons patriotas, que façam constar no comité os nomes dos cidadãos que não cumprirem o disposto no presente decreto.„

Para, no fim de contas, virem todos a cahir... nos braços do *traidor*. Farçantes!

Os do *Amigo do Povo* falavam no *compadre Tavares,* personagem

celebre na historia do banditismo politico, e assim designado pelos escandalosos favores que o chefe do partido regenerador, Antonio Maria de Fontes Pereira de Mello, praticou em favor d'elle. Não sei se *o compadre Tavares* — eu era creança n'esse tempo — seria o Eduardo Tavares, que veio a ser redactor do *Espetro da Granja* e das *Instituições*. Creio que sim, pois não tenho noticia d'outro Tavares na politica indigena em geral e na do partido regenerador em especial. Ora Eduardo Tavares, patricio de José Elias, seu antigo companheiro e amigo, zangando-se com elle e descrevendo a acção do demagogo e maçonico, então chefe incontestavel e *absoluto* do partido republicano e grão mestre da maçonaria portugueza, dizia nas *Instituições*, em 1883:

"Houve alguns *meetings* por causa das irmãs da caridade francezas. Quem escreve estas linhas, então redactor do *Portuguez*, jornal de que era proprietario e redactor politico o sr. Manuel de Jesus Coelho, fez parte das commissões d'esses *meetings*, encarregadas de pedir providencias ao governo contra os manejos obnoxios do lazarismo. Nunca o sr. Elias Garcia fez parte de taes commissões, nem compareceu em taes *meetings*, nos quaes, por conseguinte, nunca a sua voz foi ouvida.

Depois houve a *Associação Patriotica* do Becco do Rezende, na qual os homens mais contrarios ao clericalismo iam desentranhar-se todas as noites em discursos vehementes contra a reacção politico-religiosa. Fomos socio d'essa associação, que o duque de Loulé mandou fechar, acto arbitrario contra o qual protestou na camara electiva, nos termos mais levantados, o grande orador José Estevão. Nunca vimos alli o sr. Garcia, nem nos consta que fizesse parte de tal associação.

Depois fundou-se o *Futuro Social*, associação da mocidade liberal, que o sr. Fontes por seu turno mandou fechar. Tambem nunca lá vimos o sr. Elias Garcia, como nunca o vimos nas reuniões do theatro de D. Maria, em que tomámos parte, e que tinham por fim dispor a população de Lisboa para a subscripção publica destinada á fundação e organisação dos asylos da infancia desvalida, arrancados a grande custo das garras do lazarismo.

Só no *meeting* da praça do Campo de Sant'Anna, em 1867, ouvimos pela primeira vez a sua voz falando ao povo. O *Manifesto*, que n'esse anno se fez ao paiz, está assignado pelos srs. barão de Villa Nova de Foscôa, Eugenio d'Almeida, Oliveira Marreca, Antonio Cabral de Sá Nogueira, conde de Peniche e Barros Lima. O nome do sr. Elias Garcia não apparece n'elle. Ao centro da Travessa da Queimada pertenciam diversos cavalheiros dos mais liberaes, e entre outros os srs. Oliveira Marreca e barão de Foscôa. Tambem lá não vimos o sr. Garcia. Depois da dissolução d'este centro fez-se uma tentativa para organisar a *Commissão Central Eleitoral Artistica*. A primeira reunião teve logar nas officinas do industrial Antonio Nunes, na Rua do Jasmim. Compareceram alli homens politicos, dos mais notaveis e com tal influencia que os artistas lhe cederam os logares da mesa, que ficou composta dos srs. Levy Maria Jordão, presidente, José Maria Lobo d'Avilla e José Maria da Cunha Seixas, secretarios, e Antonio Cesar de Vasconcellos e José Gomes da Silva, vice-secretarios. O sr. Elias Garcia e demais membros do Pateo do Salema tinham-se então eclipsado.

O *Manifesto* aos operarios, aliás assignado por diversos homens politicos, tambem não foi assignado pelo snr. Elias Garcia. Pois esse manifesto era tudo quanto podia haver de mais democratico.

Na commissão, eleita no *meeting* de 29 de Setembro de 1867, de que tambem fizemos parte, appareceu emfim o nome do snr. Elias Garcia. Esta commissão tinha por fim dispor as coisas para a grande manifestação popular que no 1.º de janeiro de 1868 se havia de fazer no Rocio e d'alli seguir processionalmente para Belem a levar a El-rei uma representação contra o governo da Fusão. Estivemos lá. Corremos os perigos dos espancamentos na ponte d'Alcantara. No largo de Belem soffremos as arremettidas da cavallaria municipal como todos os que não faltaram a cumprir um dever de honra. O snr. José Elias não esteve lá.„

Pois elle nunca esteve *senão onde lhe convinha.* Como o cidadão Affonso Costa, como o cidadão Bernardino Machado, ainda hontem catholicos e como taes realisando todos os actos solemnes da vida da Egreja, ainda hontem, vel-o-hemos pela famosa carta de Affonso Costa a Silva Graça *moderados* e já hoje — agora jurando por Robespierre logo por Cesar Napoleão, como dizia José Falcão — avançados, radicaes, radicalissimos, ultra-demagogicos. Bandidos!

Mas ignoravam Latino Coelho, Bernardino Pinheiro, Oliveira Marreca o passado de José Elias? Ou o seu protesto era uma simples especulação, expediente eleiçoeiro, manobra dos partidos monarchicos de que elles se constituiram no campo republicano, como dizia Theophilo, *sentinellas avançadas,* elles no fundo progressistas como José Elias regenerador?

Oiçamos Theophilo. E' na *Historias das Idêas Republicanas em Portugal* que fala o *Mestre.* Um livrinho que poucos conhecem, porque o primeiro que se esforça por que elle não seja conhecido é o *Mestre.* Oiçamos Theophilo.

"Infelizmente os homens mais importantes do centro republicano democratico pertenciam á geração dos lyricos politicos de 1848, a sua acção exerceu-se em simulacros de parlamentarismo, em que se suscitaram paixões pessoaes e argucias d'opposição; separados de todo o contacto com o publico, sem doutrinação popular, receando serem absorvidos pela corrente socialista, cahiram em uma desconfiança mutua de que resultou uma desmembração fatal. Esses espiritos generosos da epocha de 1848 arrogaram-se a authoridade das suas tradições e dos annos; mas tendo longo tempo militado provisoriamente nos partidos monarchicos, tomaram os vicios d'essa falsa actividade de que se separaram uns por despeito e outros por ambição pessoal, pensando fortalecer-se com o elemento democratico. Os partidos monarchicos militantes, no seu antagonismo procuraram tambem desviar em seu beneficio a corrente republicana; o *partido historico,* desesperado da exclusão do poder havia mais de seis annos, fusionou-se com o chamado partido reformista tomando o titulo de progressista, e n'esta evolução, para intimidar o Paço, cujo favoritismo lhe faltava e era essa a causa da sua abstenção do poder, delegou um grupo como sentinella avançada no campo republicano. O *partido regenerador,* que disfructava como governo a posse exclusiva do favoritismo do Paço, contrariou essa tactica, do seu antagonista não só realisando a maxima tolerancia para as ideias politicas, como delegando alguns homens intelligentes para se apoderarem da direcção do centro democratico, che-

gando até a patrocinar uma candidatura republicana. Em presença um do outro os dois elementos *historico* e *regenerador* que se acobertaram com a chlamyde da republica, estiveram desde a constituição do Centro em um estado de mutua desconfiança, até que nas eleições de outubro de 1878 a dissenção se fez publica, fragmentando-se o centro republicano democratico em dous, segundo as côres da politica monarchica que o desmembrava. Durante estes dous annos d'intrigas, cavillações, tergiversações e de esterilidade, os espiritos sinceros que conhecem que a forma politica da republica só pode effectuar-se pela propagação da ideia da *soberania nacional*, exercida pelo *suffragio universal*, foram separando-se d'esse meio dissolvente, onde todas as energias se esgotavam. Pouco antes da desmembração definitiva do Centro republicano-democratico em republicanos-progressistas e republicanos-regeneradores, o primeiro grupo fez publicar a seguinte circular: "Na reunião da assemblea geral do *Centro eleitoral republicano-democratico* realizada em 30 de setembro ultimo, foi eleita uma commissão encarregada de estudar as *causas da decadencia do referido centro* e propor as providencias necessarias para as remediar. Um dos factos em que essa decadencia se tem mostrado mais sensivelmente é a diminuição successiva do numero dos associados, que parece ter uma causa determinante, que convem conhecer, e que não podemos suppor seja esfriamento de convicções nas nobres e generosas ideas republicanas, porque estas, de dia para dia, se diffundem e arreigam por todo o paiz, e se tem demonstrado por variadas provas, continuarem ardentes no espirito de muitos que se despediram do Centro. No interesse pois da causa republicana, a commissão roga-vos o especialissimo obsequio d'expôr, por escripto, os motivos que tivestes para abandonar o Centro e de dar a vossa opinião sobre os assumptos que foi chamada a estudar. Sala do *Centro eleitoral republicano-democratico*, em outubro de 1878." A scisão dos dous grupos dispensou as respostas escriptas sobre a causa do abandono do Centro; os mesmos que interrogavam tinham na consciencia o segredo da causa da decadencia. As sublimes aspirações de 1848 haviam-se perdido depois da morte de Henriques Nogueira, e os seus sectarios ao serviço dos partidos monarchicos acostumaram-se a essa pratica de cavilações. Nada ha já a esperar d'elles."

Nem d'elle!

Corruptos todos! Charlatães! Farçantes! Em 1910 como em 1878 simples instrumento e producto das *intrigas e cavilações* monarchicas. Afundando-se em lama, sem caracter, sem convicções, sem nenhum ideal levantado, aos pontapés á democracia, isto é, á justiça, á liberdade, á verdade, porque aos pontapés á democracia, sem caracter, sem convicções, sem nenhum ideal levantado e em lama elles nasceram.

O que o berço dá... a tumba o leva!

Homem Christo

Factos e Criticas

Vida religiosa

Começaremos hoje pela Italia. A reforma introduzida na aggremiação geral dos catholicos italianos é de um altissimo alcance e não menor interesse para os catholicos portuguezes. Pio x organisára toda a acção catholica italiana em cinco grandes *uniões* que viviam autonomamente: União Popular, União eleitoral, União economica, Juventude catholica e Associação das mulheres catholicas italianas. Bento xv, attendendo ao que a observação dos factos reclamava, acabou com a autonomia d'estas associações e n'uma carta dirigida pelo seu secretario d'Estado, S. E. o cardeal Gasparri ao conde Della Torre, centralisou toda a acção catholica fraccionada na *União popular* a quem confiou a direcção superior do movimento, creando-se no seio d'ella uma commissão de 11 membros, da qual farão parte os presidentes das outras quatro, e cujos poderes se protelarão pelo espaço de um triennio. Licção a escolher: — em Portugal todas as grandes organisações, politicas, sociaes e piedosas, devem estar superiormente ligadas á *União catholica,* a que os Prelados teem obrigação de dar um desenvolvimento maior, como prometteram solemnemente.

Já que de Italia e direcções pontificias fallamos, vou informa-los de qual será a attitude da Santa Sé no caso de a Italia intervir na guerra, que parece eminente. Embora o resultado das negociações esteja um pouco escondido sob a indecisão das formulas diplomaticas, já elle é conhecido, por revelação de personalidade auctorisada. E' sabido que a mór parte dos Estados tem representação diplomatica junto da Santa Sé. N'estas condições, se, por exemplo, a Italia rompesse com a Austria e a Allemanha, os representantes d'estes dois imperios junto do Quirinal retiravam-se e os que assistem ao Vaticano permaneceriam em Roma, gosando das immunidades diplomaticas e territoriaes concedidas pela *lei das garantias.* Toda a questão está n'isto e para a resolver o Quirinal e a Santa Sé trocaram indirectamente os seus pontos de vista. Ao cabo da troca fixou-se amistosamente que: 1.º — o governo italiano garantiria a plena e perfeita inviolabilidade da pessoa e côrte do Papa, deixando-lhe toda a liberdade de communicações com os bispos e representantes diplomaticos, excepto para a correspondencia cifrada; 2.º — a Santa Sé disporia que as embaixadas e legações dos paizes belligerantes fossem fechadas, pedindo licença todos os diplomatas e empregados d'ella.

Outra noticia importante que é conveniente registar, ainda sobre a vida catholica italiana é da resolução da *União popular dos catholicos italianos* perante o conflicto europeu: — os catholicos italianos nortearão a opinião por forma a affirmarem os principios e tradições historicas da civilisação christã (allusão transparente á internacionalisação politica da auctoridade do Papa) e exigem que quando se discuta a paz, se tenham em vista a integridade e independencia da nação belga.

Nobre attitude, em tudo condigna da heroicidade do povo belga! Os catholicos teem n'esta guerra uma das coroas mais refulgentes. Veja-se que sobe a 32 o numero de padres jesuitas mortos no campo de batalha achando-se *na linha de fogo* 498 membros da Companhia de Jesus, expulsa da França e que contra os seus perseguidores toma esta generosa e bella vingança. Elles porém, é que não desarmam e isto me faz muitas vezes tremer pelo desfecho da guerra na nação gaulêsa. A *Depêche* de Toulouse publicou um revoltante artigo do ex-ministro Pelletan contra o Papa. O cardeal Andrien rebateu-o triumphante e vehementemente. Pois o governo não deixa publicar a resposta do cardeal e não impede a divulgação do artigo do famigerado maçâo. Os Bispos francezes, porém, é que não transigem, e muito bem, condemnando as gazetas que reproduzam a cattilinaria insultuosa de Pelletan.

Bazin, n'uma explendida conferencia realisada em Roma, sobre o renascimento christão e a guerra, disse que este renascimento é não uma obra de momento mas um movimento longamente preparado que a guerra apenas

accentuou; e accrescentou que findo o conflicto, "a vida retomará os seus direitos e talvez os seus excessos, mas a França não se assemelhará já á coisa miseravel que foi hontem, porque Deus faz n'este momento a lixivia das nações„.

O que eu receio é que os partidarios dos *excessos* sejam mais numerosos do que os dos *direitos!*... Se tal acontecer a guerra terá sido apenas, para França, um desastre, mas então estrondosissimo e quasi fatal. Deus a salve!

Vejamos agora o que vae pelo paiz. Salientaremos em primeiro logar a entrada dos novos prelados nas suas dioceses. Foram e serão um indice da crença religiosa no povo, porque os novos antistites tiveram nas manifestações da sua recepção a melhor prova de que todo o seu labor tem de ser pela acção catholica, conduzida dentro dos principios, arredada das pechas de rotinarismo e banalidade que enredaram e entravaram a antiga.

Os cultualistas refervem de raiva com a dissolução das associações de ladroeiras e sacrilegio em que enchiam a barriga á custa dos crentes e do Estado. E de ladrões, passaram a incendiarios, os bandidos! Em Alcanena lançaram fogo á egreja e n'outros pontos do paiz, coincidindo com a dissolução das chafaricas, commettem-se revoltantes latrocinios e profanações nos templos. Tudo isto revolta, mas o que mais indigna é a indecisão do ministro Moreira que, com o rabo preso na ratoeira do G.·. O.·., não é capaz de ir até ao fim na repressão rapida de todos estes crimes. Sob o ponto de vista religioso pode dizer-se que a sua obra é nulla, porque a liberdade de fazer procissões e *compassos* não chega para conseguir e realisar, como é preciso, a libertação dos crentes.

Todavia, o dever dos catholicos é não desarmarem. Torna-se urgente entrarem *a serio* no campo da apostolisação. E a este respeito damos aos leitores a boa nova de que a *Lusitania*, revista intellectual *catholica*, vae continuar a sua publicação. O primeiro anno da revista, forma um volume tão interessante que mereceu applausos de todo o Episcopado e os elogios do critico excellente que é Ramalho Ortigão.

Um jornal de Lisboa escreveu ha dias:

"Em 1913, segundo as estatisticas officiaes, o numero de nascimentos nos quatro bairros de Lisboa foi de 12.089, o de casamentos 3.408, o de obitos 9.758. Que papel desempenhou a Egreja nos actos da vida social que representam estes numeros? Quantos baptisados, quantas cerimonias nupciaes, quantos serviços funebres se effectuaram durante o mencionado anno nas differentes parochias da capital? Porventura subiram ou desceram em relação aos annos anteriores e proporcionalmente ao movimento demographico? Eis o que conviria saber„.

Aquelles numeros e estas perguntas fazem vêr claramente a necessidade de se estudar a serio o problema da acção parochial. Para isso é indispensavel a formação de estatisticas. Em França, foram os proprios parochos que para ellas forneceram elementos e constatou-se que a vida religiosa em Paris tinha augmentado.

... Mas parece que ainda ha quem tenha saudades do Affonso Costa. Uma outra gazeta da *capital* lançava a publico ha dias tambem, uma choradeira ás pensões. Quem seria o pedinte?

Cumpre-me notar aqui as ultimas declarações da imprensa monarchica sobre a situação da Egreja. Todas ellas foram cheias de nobreza, condemnando toda a escravisação da Egreja, que é a maior e melhor força de salvação social, sob qualquer aspecto que se encare. Certo, não estão isentas essas declarações, sobretudo a do *Dia*, de alguns reparos,— mas como são bem diversas das feitas pelo evolucionismo e unionismo! Esta agarrou-se a uma formula de *Luzatti* que não diz nada, porque dentro d'ella tudo cabe desde a ferocidade á brandura por conveniencia e manha.

O evolucionismo tocou as raias do cretenismo! Se as declarações politicas do chefe causaram sensação pela desvergonha, as que elle fez sobre a questão religiosa — foram de pasmar, embora em Braga o snr. Miguel d'Abreu pretenda provar o contrario.

Imagine-se que o Conservador-Demagogo declarou que o seu partido *permittiria* (!?) o direito *á analyse philosophica*, e combateria o *jesuitismo* e o *obscurantismo*. Estes palavrões dizem tudo sobre a sua mentalidade boçal n'este tempo em que só de ideias se vive. Mas ha mais: o que o evolucionismo promette é *apenas limar as arestas* da lei de 20 d'abril. De maneira que toda a sua essencia de sectarismo e de perseguição fica intacta! Como ha dias escrevi, isto equivale a tirar-lhe a casca e deixar-lhe o miôlo.

E agora ponham os catholicos os olhos n'estas linhas: o chefe evolucionista **não consentirá o regresso ás instituições religiosas.** Em face d'esta declaração os catholicos nunca podem alliar-se com semelhante tyrannête.

Que dirá a isto o snr. P. Camillo Rodrigues de Sá que sob as ordens d'elle, do demagogo, trabalhou, e é, sem favor um padre dignissimo?...

Francisco Velloso.

D. Thomaz de Mello Breyner

O illustre clinico e nosso querido amigo snr. D. Thomaz de Mello Breyner partiu para a Ilha da Madeira, por ter recebido a noticia de se encontrar ali muito doente seu irmão, o snr. D. Francisco de Mello Breyner.

Fazemos calorosos votos pelas melhoras do enfermo, e que o nosso presado amigo tenha uma feliz viagem.

Centro Catholico Portuguez

O nosso presado collega do Porto *A Liberdade* publicou ha dias o seguinte manifesto:

A commissão dirigente do *Centro Catholico Portuguez* eleita pela assembleia geral dos catholicos no dia 11 de Fevereiro p. p., julga do seu dever expor ao paiz, nas suas linhas geraes, o fim para que foi constituido e a obra que se propõe realisar.

O *Centro Catholico Portuguez* destina-se a organisar os catholicos no terreno politico e social, em ordem e que as leis, instituições politicas e sociaes sejam informadas pelos principios christãos.

Nas actuaes circumstancias em que se encontram os catholicos portuguezes, esta commissão entende que toda a sua acção deve encaminhar-se no sentido de conseguir:

1.º — O restabelecimento das relações com a Santa Sé;

2.º—As liberdades da Egreja: — de culto, ensino e associação.

Para conseguir este fim, entende a commissão que todos os catholicos devem lançar mão, desde já, de todos os meios de propaganda, como sejam a divulgação incessante da boa imprensa, as conferencias, as representações insistentes aos poderes publicos no sentido de serem concedidas á Egreja aquellas liberdades essenciaes; cumprindo ao mesmo tempo que nos preparemos para concorrer ás eleições, quer geraes quer administrativas, sempre que nos seja possivel, e se nos não forem negadas as garantias para o livre exercicio d'esse direito, que é simultaneamente um dever.

O *Centro Catholico Portuguez*, embora constituindo uma organisação autonoma, entrará em quaesquer combinações no terreno eleitoral, tendentes a assegurar a realisação dos seus fins, com os elementos conservadores do paiz, os unicos que dão garantias de acceitar as reivindicações acima indicadas e que formam o seu programma minimo.

Esta Comissão vae procurar installar em todos os districtos, concelhos e parochias commissões suas delegadas que procedam sem demora aos trabalhos necessarios a esta organisação, verdadeiramente nacional.

As commissões delegadas dirigirão os seus trabalhos sempre em harmonia com a Commissão Central, afim de dar ao movimento a indispensavel unidade; e facultar-lhe-hão desde já todos os elementos para que ella possa fazer uma ideia segura do estado das forças catholicas nas respectivas circumscripções.

Sendo urgente a organisação de todas as forças conservadoras do paiz, e

sendo a questão religiosa a que a todas sobreleva no actual momento, o *Centro Catholico Portuguez* procede a uma organisação que, pondo acima de tudo os interesses religiosos, é um elemento indispensavel, em collaboração com os outros elementos conservadores, para a obra de reconstrucção nacional.

Antonio Jorge d'Almeida Coutinho e Lemos Ferreira — Diogo Pacheco de Amorim — Domingos Pinto Coelho — Domingos Pulido Garcia — João Maria da Cunha Barbosa — José d'Almeida Correia—Luiz Gonzaga d'Assis Teixeira de Magalhães — Manuel D. Guimarães Pestana da Silva — Alberto Pinheiro Torres.

Remedios da Fonseca

Entre os vice-presidentes da assembleia geral do Centro Monarchico de Lisboa figura o nome d'este glorioso militar e nosso querido amigo e companheiro de exilio.

Remedios da Fonseca é além d'uma intelligencia lucida, um caracter de fina tempera e o seu nome figura com inteira justiça entre os dos nossos mais prestimosos correligionarios.

O inquerito d'«O Nacional»

O nosso prezado collega *O Nacional* publicou no sabbado ultimo a seguinte carta do nosso director em resposta ao seu *inquerito:*

Meu caro Annibal Soares — Ahi vae, em resposta á consulta com que a sua amabilidade quiz distinguir-me, o que penso sobre a questão levantada pelo artigo do snr. dr. Cunha e Costa:

Nós não estamos aqui como revolucionarios para derrubar um regimen incompativel com a vida e o progresso da nação e implantar um novo regimen ainda não experimentado. Estamos aqui tratando para restabelecer a legalidade violada em outubro de 1910, com manifesto prejuizo da soberania e dos interesses nacionaes.

Se discutimos as vantagens ou desvantagens do systema monarchico constitucional representativo e a legitimidade de sua magestade El-Rei D. Manuel II, não somos partidarios da legalidade, somos revolucionarios e não temos mais direitos do que os republicanos.

Em que nos baseamos nós para combater o regimen actual? Na vontade da Nação. E quando é que a nação se manifestou contra o regimen estabelecido até outubro de 1910 ou contra a legitimidade do Senhor D. Manuel? A não ser que se queira acceitar a revolução republicana como a expressão dos sentimentos do paiz e n'esse caso...

Emfim, vamos nós *restaurar a monarchia,* reatando o fio da tradicção nacional, ou *fazer uma monarchia,* como os republicanos fizeram uma Republica?

Vamos nós restabelecer a ordem entre todos os portuguezes, acceitando o regimen por todos reconhecido até á revolução republicana e que nos deu, na paz o maior progresso e na guerra a maior gloria, ou vamos revolucionariamente, lançar o paiz em novas luctas aggravando ainda mais a tremenda desordem nacional?

Não ha discussão possivel: os republicanos são a revolução; nós somos o Passado, somos a legalidade, por isso mesmo partidarios da Restauração pura e simples, no proprio dia da queda da Republica, da Monarchia Constitucional Representativa, tendo por chefe supremo e *indiscutivel* Sua Magestade El-Rei D. Manuel II.

Assim o manda a logica, a justiça e o direito. E assim o exige, o interesse nacional. *razão suprema* que primazia todas as outras razões, se outras razões houvesse.

Creia-me sempre, meu caro Annibal Soares,

Seu collega e amigo muito obrigado

Homem Christo Filho.

«Commercio de Guimarães»

O nosso brilhante e intemerato collega *Commercio de Guimarães* transcreveu quasi na integra o artigo *Antonio José d'Almeida, o demagogo disfarçado,* publicado no n.º 11 d'*A Ideia Nacional,* fazendo acompanhar essa transcripção d'algumas amabilissimas palavras de elogio.

Ao *Commercio de Guimarães* e ao seu illustre director, snr. Antonio Joaquim de Azevedo Machado, os nossos novos agradecimentos.

Composto e impresso na Typographia de ANTONIO CONCEIÇÃO ROCHA — Rua de Arnellas — AVEIRO.